



FALHAS NO GERENCIAMENTO DE RISCOS EM PROJETOS DE PEQUENAS VITICULTURAS

Daniela Ferraz Bacconi Campeche^{1*}; João Ricardo Lima¹; Carlos Roberto Campos²

¹ Embrapa Semiárido. Dr. Pesquisadora. Rodovia BR 428, Km 152, s/n – Zona Rural - CEP 56302-970 - Petrolina, (PE), Brasil ² Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (ESALQ/USP) – Professor Associado e Especialista em Gestão de Projetos – Rua Alexandre Herculano, 120 Sala T6 – Vila Monteiro – CEP 13418-445 - Piracicaba (SP), Brasil

*autor correspondente: daniela.campeche@embrapa.br

Resumo

A atividade agrícola é considerada um negócio de alto risco devido a incertezas climáticas e de mercado. Embora consciente destes fatos, o produtor agrícola costuma não exercer práticas de gestão de riscos em seu empreendimento. Assim sendo, o objetivo deste trabalho foi identificar as falhas no gerenciamento de riscos em projeto de pequenas viticulturas no Vale do São Francisco, região nordeste do Brasil. Foi aplicado um questionário online de 10 perguntas para uma amostra selecionada de produtores com até 15 hectares e que são assistidos por um profissional técnico na viticultura. Os resultados mostraram que o fator tempo de experiência na atividade tem mais influência sobre o gerenciamento de risco do que o fator nível de escolaridade. Os produtores que têm a viticultura como principal fonte de renda são mais propensos a utilizar ferramentas de gestão de risco para tomadas de decisão no empreendimento. Independente do perfil, os produtores sabem quantificar e qualificar os fatores de risco na viticultura, além de ter percepção da importância destas ferramentas. A percepção de impacto do uso das ferramentas de gestão de risco foi maior em relação à produtividade do que em relação às vendas. Os produtores com mais tempo na atividade, tem uma percepção maior deste impacto. Igualmente, a maioria dos produtores entende que é importante introduzir a prática do uso destas ferramentas para alcançar seus objetivos. Caso fossem dobrar a área de produção, a maioria utilizaria uma análise técnica sobre os riscos antes de tomar a decisão final sobre o investimento

Palavras-chave: pequenos produtores; viticultura; gerenciamento de projetos; agricultura

Abstract

Agricultural activity is considered a high-risk business due to climatic and market uncertainties. Although aware of these facts, the agricultural producer usually does not practice risk management in his/hers enterprise. Therefore, the aim of this study was to identify the shortcomings in risk management in small table grapes farms projects in the São Francisco Valley, northeast region of Brazil. An online questionnaire of 10 questions was applied to a selected sample of producers with up to 15 hectares and who are assisted by a technical professional in table grape farming. Results showed that the time factor of experience in the activity has more influence on the risk management than the educational level factor. Producers

who have table grape farms as the main income source are more likely to use risk management tools for decision making in the enterprise. Regardless of the profile, the producers know how to quantify and qualify the risk factors in table grapes farms, in addition to being aware of the importance of these tools. The impact perception of the use of risk management tools was greater in relation to productivity than in sales. The producers with more time in the activity, have a greater perception of this impact. Likewise, most producers believe that it is important to introduce the practice of using these tools to achieve their objectives. If they were to double the area of production, most would use a technical risk analysis before making the final investment decision

Key words: small farmers; table grape farms; Project management; agriculture

1. Introdução

A gestão de riscos em projetos agrícolas é uma área de conhecimento, na qual o gerente de um projeto deve direcionar sua atenção durante a fase de planejamento e execução. Isto porquê a atividade agrícola é de grande risco. Dentre os principais riscos pode-se citar: preço, mercado, financeiro, institucional, produção, resultados negativos decorrentes e imprevisíveis nas variáveis biológicas, climáticas (Pagliuca, 2014; Pereira e Soares, 2017). Estes eventos podem influenciar o desempenho e produtividade, afetando toda a cadeia e consumidores (Aredes, 2013).

Poucos são os trabalhos realizados para entender a relação do produtor com a gestão de riscos no empreendimento agrícola (Pagliuca, 2014). De modo geral, o perfil dos produtores e das propriedades, influenciam no uso de ferramentas de gestão de riscos (Carrer et al., 2013). Em alguns casos, como identificado em cafeicultores, pequenos produtores podem ter nível superior de escolaridade. Entretanto, se não têm a atividade como a principal fonte de renda, a gestão de risco não é realizada e os produtores preferem usar a intuição para realizar suas vendas (Silveira et al., 2012).

A gestão de riscos se torna essencial para evitar ou minimizar os impactos negativos causados pela quebra da produção e inconstância no preço de comercialização. As ferramentas contribuem para a prospecção de cenários, auxiliando nas tomadas de decisões pelo agricultor (Aredes, 2013). Por exemplo na relação: pesquisa de preço x gerenciamento de risco na comercialização ou planejamento das atividades e comercialização (Oliveira Neto et al., 2009). Também para decidir sobre culturas à serem implantadas, escalonamento da produção, período de colheita em relação à janela comercial e tamanho da área de implantação (Pagliuca, 2014). Cooperativas agrícolas no Paraná têm gestores financeiros que usam ferramentas de gerenciamento de riscos e entendem a importância dos resultados econômico-financeiros para os produtores (Gimenes et al., 2019).

É consenso entre especialistas do setor que a implementação de um sistema de gestão integrada dos riscos agropecuários é essencial para a mitigação dos efeitos dos fatores de riscos negativos (Aredes, 2013; Arias et al., 2015). Proteção contra eventuais oscilações de preços quando não favoráveis, melhora no planejamento das atividades, melhora na relação entre



atores da cadeia (compra e venda), aumento da eficiência sistêmica da cadeia e maior acesso à linhas de crédito junto a agências financiadoras, estão entre os benefícios listados por Carrer et al. (2013) para a gestão de riscos de preços em empreendimentos agropecuários.

Os maiores prejudicados, quando fatores de risco negativo acontecem, são os pequenos produtores. Estes são, numericamente, a maioria agrícola no Brasil e têm grande importância na fixação do homem no campo e na geração de emprego e renda em toda a cadeia produtiva (Lopes et al., 2012). A maioria destes pequenos produtores não têm caixa de reserva em caso de quebra na produção ou na comercialização, mas também não fazem a gestão de seus empreendimentos de forma profissional. Entendem que por ser pequenos, não necessitam (Silveira et al., 2012).

A vitivinicultura no Vale do São Francisco tem grande importância por ser o maior polo de produção e exportação de uvas de mesa do Brasil. A área de produção em 2016 na região do município de Petrolina-PE, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) foi de 6.376 hectares, com uma produção de 229.544 toneladas, e gerou 472.714 milhões de reais. O município tem uma população superior à 250 mil habitantes e com a economia baseada na agricultura. O maior distrito irrigado de Petrolina é o Nilo Coelho (DINC). Segundo informações do DINC, a ocupação espacial atual está distribuída da seguinte forma: 1.963 lotes de pequenos usuários (até 7,00 hectares) e 363 empresariais. Destes empresariais há 312 classificados como pequenos e médios (entre 7,1 e 50,0 hectares) e 51 classificados como grandes (acima de 50 hectares). As informações acima citadas, evidenciam a importância da vitivinicultura na região sobre a geração de emprego e renda, diretos e indiretos, em decorrência da cadeia produtiva já formada.

De acordo com o comportamento identificado em outras atividades agropecuárias no Brasil, a hipótese é de que estes pequenos viticultores não fazem gerenciamento de riscos em seus projetos. Desta forma, o objetivo deste trabalho foi investigar o uso de ferramentas de gestão de riscos em projetos de viticultura pelo pequeno produtor, e avaliar o impacto da aplicação ou não destas ferramentas sobre o escopo do projeto, i.e., produção e vendas. Avaliar a efetividade do gerenciamento de riscos sobre as tomadas de decisões nos projetos.

Material e Métodos

O trabalho de pesquisa foi realizado com um grupo de produtores de uva de mesa, ou seja, viticultores, da região do Vale do Submédio São Francisco. Estes produtores estão principalmente localizados no município de Petrolina – PE e municípios adjacentes.

A partir do conhecimento adquirido nos trabalhos lidos para a estruturação desta pesquisa, entende-se que gestão de riscos em projetos é uma área de conhecimento em projetos aplicada por gestores que possuem alto nível de maturidade gerencial. Desta forma, a amostragem desta pesquisa foi restrita a produtores que são assistidos periodicamente por um consultor técnico na região. A realidade de pequenos produtores que não têm um consultor técnico é de falta de conhecimento e prática de processos de gestão. O *n* (número total da amostra) amostral foi de 38 produtores. Para atender a um dos objetivos da pesquisa, para que um produtor fosse selecionado como amostra, teria que ter uma área máxima de cultivo de 15 hectares. Portanto a amostra utilizada é caracterizada como não probabilística, ou seja, foi



escolhida propositalmente sendo formada por uma população pré-selecionada a partir das características desejadas.

A ferramenta utilizada para conseguir as informações almejadas foi a aplicação de um questionário online. Antes de ser enviado para os produtores, o questionário foi mostrado ao consultor técnico, que assiste aos produtores selecionados como amostra. O propósito foi para que o mesmo verificasse se as questões elaboradas estavam de acordo com a realidade dos produtores. Também para saber se os mesmos teriam capacidade de entender as questões de forma clara.

O questionário foi montado no site www.onlinepesquisa.com e então distribuído por e-mail para os produtores de janeiro a março de 2018. No mesmo foi inserido, previamente à área de resposta, um parágrafo sobre o termo de consentimento livre e esclarecido. Pensando na disponibilidade do produtor em se sentir à vontade para responder às questões, o questionário foi elaborado de forma enxuta. Perguntas e respostas foram estruturadas para ter fácil entendimento e serem respondidas de forma rápida. O anonimato dos produtores foi garantido na aplicação do questionário. Foram estruturadas somente 10 questões cujas respostas conseguissem atender aos propósitos desta pesquisa. O questionário encontra-se no Apêndice 1 deste trabalho e ficou disponível por 60 dias para respostas.

Pensando em facilitar o modo de respostas para os produtores, as questões foram elaboradas no modo de múltiplas escolhas. A estruturação e escolha de cada uma das respostas foi feita de acordo com a realidade histórica da amostragem. Estas informações foram obtidas em duas reuniões realizadas com o consultor técnico que apoiou o trabalho.

Com posse dos resultados da pesquisa, os dados foram tabulados usando o Excel, onde também foi feita a análise estatística descritiva das informações obtidas. Foi realizada uma análise bidimensional das respostas, dado que as variáveis utilizadas no estudo são todas qualitativas. Para isso foram feitas tabelas de contingência usando o software R.

Resultados e Discussão

Dos 38 viticultores (produtores) que receberam o questionário, 17 responderam. Isto representa 44% da amostra selecionada.

A primeira pergunta foi feita com o intuito de conhecer o perfil do produtor com relação à experiência na atividade e o nível de escolaridade. Assim se pode correlacionar estes fatores com a gestão de riscos nos projetos. A maioria dos produtores (88%) que responderam o questionário, produzem uva de mesa há mais de 5 anos, conforme a Figura 1. Este fato significa experiência na atividade e na tomada de decisões durante muitos ciclos de cultivo (Borges, 2010). Há pouca diferença entre nível de escolaridade entre os produtores, sendo que 52% têm nível superior e 48% não tem.

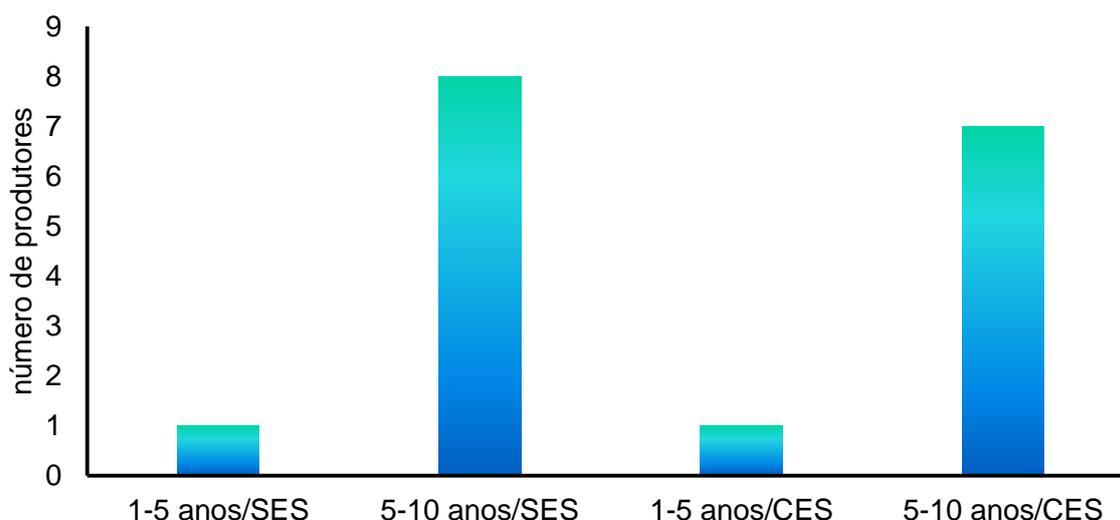


Figura 1: Perfil dos produtores em relação ao tempo de atuação na viticultura e nível de escolaridade

O perfil de nível de escolaridade também foi feito em um trabalho onde se avaliou a percepção de riscos e mecanismos de gestão de riscos entre produtores de commodities agrícolas do Rio Grande do Sul. Foi identificado que 37,50% dos entrevistados, têm nível superior. No entanto, a conclusão do trabalho foi de que as percepções de riscos e de mecanismos para gerencia-los dependem do perfil do agricultor e não do nível de escolaridade do mesmo (Borges, 2010).

A área de viticultura é a principal fonte de renda para 58,82% dos produtores que participaram da pesquisa, 23,52% trabalham para que a atividade seja a principal fonte de renda e 17,64% declararam que a viticultura não é a principal fonte de renda (Figura 2). Este fator foi indicado como um dos responsáveis pela percepção de riscos e mecanismos para gerencia-los entre produtores de *commodities* agrícolas do Rio Grande do Sul (Borges, 2010). Quando a atividade agrícola é a fonte principal de renda, o produtor pode tender a tomar decisões onde há menos risco de perda ou prejuízo (Silveira et al., 2002).

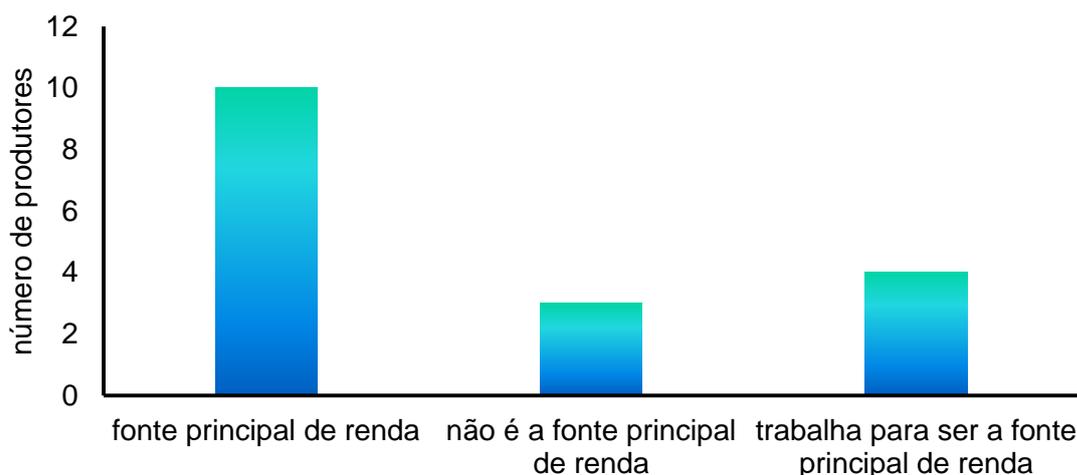


Figura 2. Declaração da viticultura como fonte de renda para os produtores

Fatores como experiência no gerenciamento da atividade, atividade geradora de renda, nível educacional, área da propriedade e participação em organizações foram identificados como influenciadores na gestão de riscos em atividades agrícolas de produtores do Rio Grande do Sul (Borges, 2010). Semelhantemente ao observado neste trabalho, quando a atividade em questão é a fonte de renda principal do produtor, há uma atenção maior do produtor com a gestão dos riscos nos projetos agrícolas. A maioria dos produtores que responderam o questionário do presente trabalho tem a viticultura como principal fonte de renda, ou trabalham para que isto se realize.

Após um breve diagnóstico sobre o perfil dos produtores, foram feitas perguntas diretamente relacionadas com gestão de riscos em projetos. Quando perguntado se o produtor sabe quantificar e qualificar os fatores de riscos no seu projeto (Figura 3), 52,94% respondeu que sim, 11,76% que não e 35,29% declararam ter uma noção de como se faz.

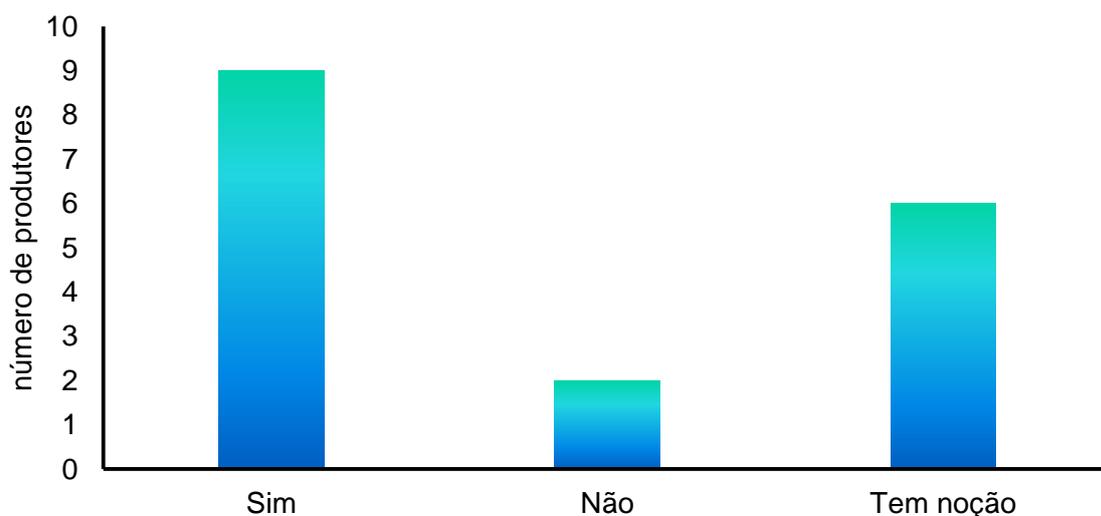


Figura 3. Declaração pelos produtores sobre a própria capacidade de quantificar e qualificar os fatores de riscos em projetos de viticultura

Estudos avaliando a percepção de agricultores sobre identificação de riscos e capacidade de gestão dos mesmos aponta que de modo geral, a maioria de pequenos ou grandes agricultores e independente do que cultivam, têm capacidade de quantificar e qualificar os riscos (Borges, 2010). Isto, principalmente, devido ao tempo que exercem a atividade agrícola. Viticultores do Vale do São Francisco souberam qualificar fatores de riscos no processo de exportação de uvas em uma pesquisa realizada para identificar os riscos (Lima, 2013).

Quando foi perguntado se o produtor tem conhecimento sobre ferramentas de gestão de risco em projetos, 35,29% responderam que sim, conhecem as ferramentas, 23,52% que fazem do próprio jeito. Contrariamente, 47,05% afirmaram não ter conhecimento sobre ferramentas para realizar gestão de risco em projetos (Figura 4).

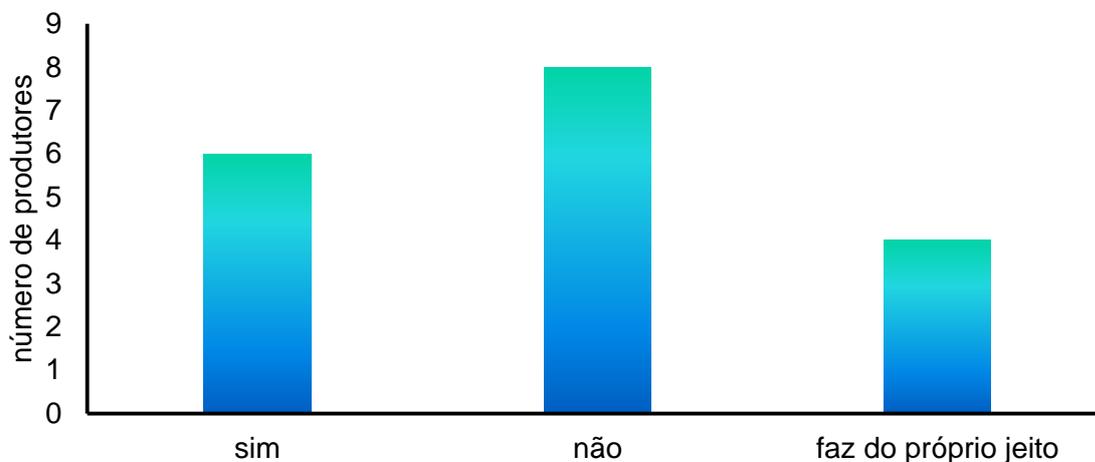


Figura 4. Conhecimento sobre gestão de riscos em projetos pelos produtores

Viticultores do Vale do São Francisco, 40% dos entrevistados, afirmaram sempre fazer gerenciamento de riscos operacionais em suas produções a fim de evitar prejuízos em processos de exportação das uvas (Lima, 2013). Este grupo de produtores avaliados tem na viticultura a principal fonte de renda e estão na atividade há mais de 10 anos.

Quando perguntado aos produtores quais ferramentas eles utilizam em seus projetos, a maioria deles, 58, 82%, responderam que não usam nenhuma ferramenta (Figura 5). Do restante, 29,41% afirma usar “monitoramento dos riscos”, sendo que somente um produtor deste grupo não tem a viticultura como fonte de renda principal. Outra alternativa apontada foi o uso de “plano de respostas aos riscos” por 11,76%. Dos que têm a viticultura como renda principal, 50% não usam nenhuma ferramenta de gestão de riscos.

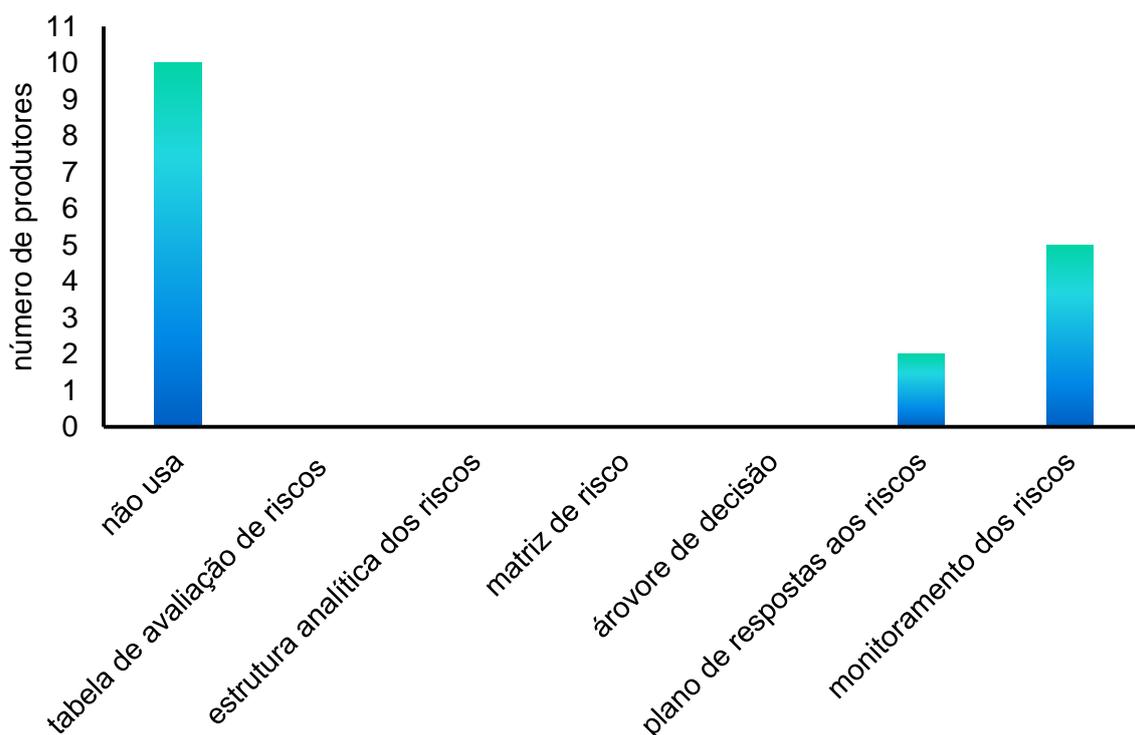


Figura 5. Utilização de ferramentas de gestão de riscos em projetos pelos produtores

No final da década de 80, foi notificado que produtores de leite do estado norte americano do Arizona, tomavam decisões nas fazendas baseados em percepções e entendimentos dos ambientes econômicos e sociais (Wilson et al., 1988). Embora haja 30 anos entre uma pesquisa e outra, comportamento semelhante foi observado neste trabalho com viticultores. O presente trabalho foi realizado com um grupo restrito de viticultores que tem assistência técnica de um consultor, ou seja, tem acesso a informações. No entanto o alto índice de não utilização de ferramentas de gestão de risco se assemelha à de pequenos agricultores que não têm acesso a informações (Ullah et al., 2017). A não utilização de ferramentas formais na gestão de risco na agricultura também foi detectada em produtores de commodities agrícolas no estado do Rio Grande do Sul (Borges, 2010) e por exportadores de uva do Vale do São Francisco (Lima, 2013).

Monitoramento de riscos também é uma das ferramentas mais utilizadas por pequenos vitivinicultores (produtores de uva para vinho) da Croácia, como forma de mitigar prejuízos na produção. Principalmente sobre o risco relativo de mercado e de clima, já que os produtores não possuem conhecimentos de outras ferramentas para fazer a gestão dos riscos (Smrkulj e Njavro, 2016). A maioria dos trabalhos encontrados na literatura citam ferramentas de gestão de risco financeiro como o aplicado à atividade agrícola e também mecanismos da gestão (Borges, 2010; Smrkulj e Njavro, 2016). Não foi encontrado na literatura trabalhos que citam a avaliação e/ou uso de ferramentas de gestão de risco em projetos no setor agropecuário segundo o PMBOK (PMI, 2013).

Na sequência, foi perguntado aos produtores se pela experiência de cada um, o uso das ferramentas de gestão de riscos é essencial para atingir os resultados desejados no próprio projeto. Afirmaram positivamente, 58, 82% dos produtores (Figura 6). Enquanto que 29,41% afirmaram que o uso depende do mercado atual e 11,76% declararam não achar o uso essencial. Todos que declararam não achar o uso essencial tem a viticultura como fonte de renda principal.

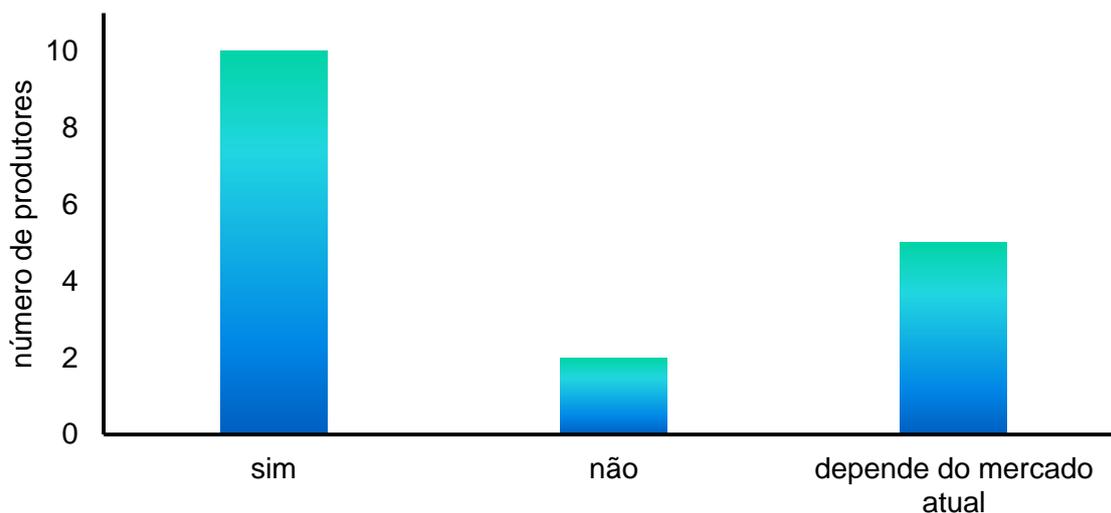


Figura 6. Percepção da essencialidade do uso de ferramentas de gestão de riscos pelos produtores

De modo contrário, produtores de leite dos Estados Unidos têm o entendimento da eficácia do uso de ferramentas de gestão de riscos para diminuir o prejuízo na produção. No entanto, este nível de conscientização só foi alcançado após esforço do governo federal americano em investimento em um programa educacional em uso de ferramentas de gestão de riscos para produtores de leite (Hadrich e Johnson, 2015).

Em relação à percepção do produtor sobre alguma experiência na qual a prática da gestão de risco no projeto teve impacto (positivo ou negativo) sobre a produtividade esperada, 52,96% afirmaram nunca ter tido e 47,04% afirmaram ter tido. Quando a mesma pergunta foi feita, mas com impacto sobre as vendas, 52,96% afirmaram ter tido e 47,04% afirmaram nunca ter tido (Figura 7).

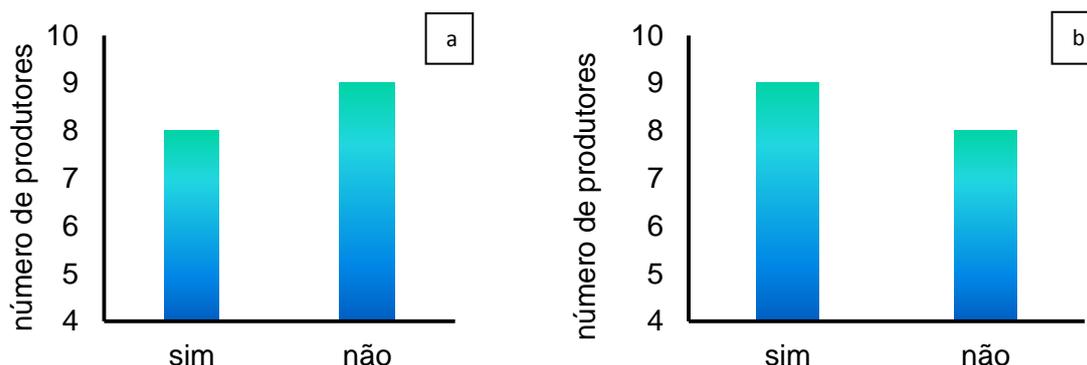


Figura 7: Experiência do produtor relativa ao impacto da gestão de riscos nos projetos de viticultura sobre a produtividade (a) e as vendas (b)

Embora 47,04% dos produtores afirmaram nunca ter tido experiência de gestão de riscos e impacto nas vendas, o risco de preço é um fator crítico já determinado na agricultura de forma geral. Agricultores da Alemanha que tem aversão a assumir riscos nas vendas de seus produtos, utilizam ferramentas de gestão de riscos para minimizar chances de perdas (Broll et al, 2013).

Quando perguntado se caso não haja prática de gestão de riscos no projeto, o produtor consideraria introduzir este processo com base nas experiências já vivenciadas, 76,47% afirmaram que sim. No entanto, 23,52% afirmaram ter que avaliar a possibilidade e nenhum produtor respondeu negativamente (Figura 8). Especificando dentro do grupo dos que estão há mais de 5 anos atuando na viticultura, ou seja, já têm muita experiência na atividade, 73,33% afirmam que consideraria introduzir a gestão de riscos como um processo na atividade e 23,33% afirmaram que têm de avaliar a possibilidade.

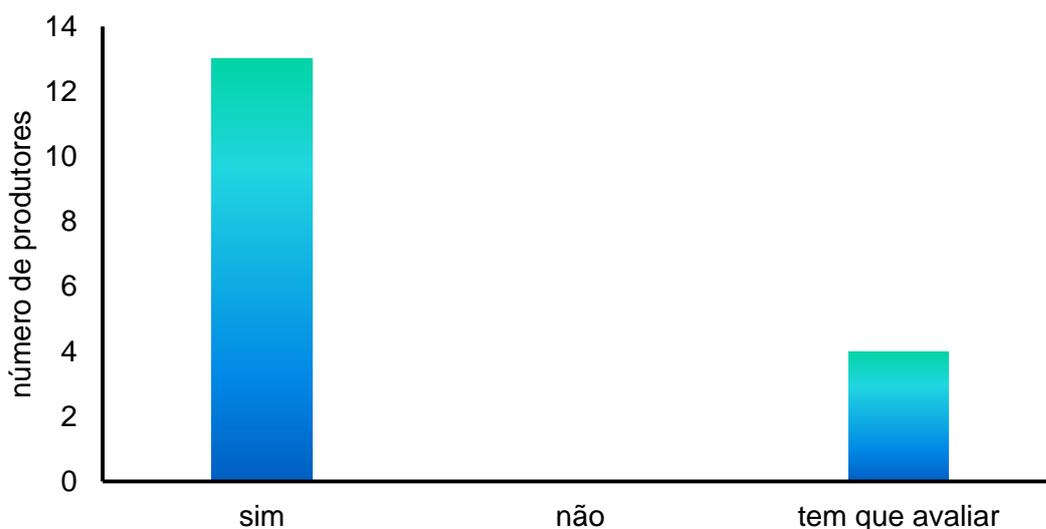


Figura 8. Entendimento do produtor sobre a introdução de práticas de gestão de riscos em projetos de viticultura

Finalizando, foi colocada ao produtor uma situação hipotética relacionada a uma disponibilidade de recurso financeiro para dobrar a área atual de produção e introduzir novas variedades de uva. Então foi perguntado ao produtor se para uma decisão final ele analisaria os riscos deste novo projeto de forma mais técnica, utilizando ferramentas que lhe trarão maior segurança na tomada de decisão. Dentre os produtores, 64,70% responderam que sim, sendo que deste grupo 73,33% têm a viticultura como fonte de renda principal. Do restante, 35,29% responderam que tomariam a decisão com base nas experiências já vivenciadas, sem fazer uma análise de riscos (Figura 9).

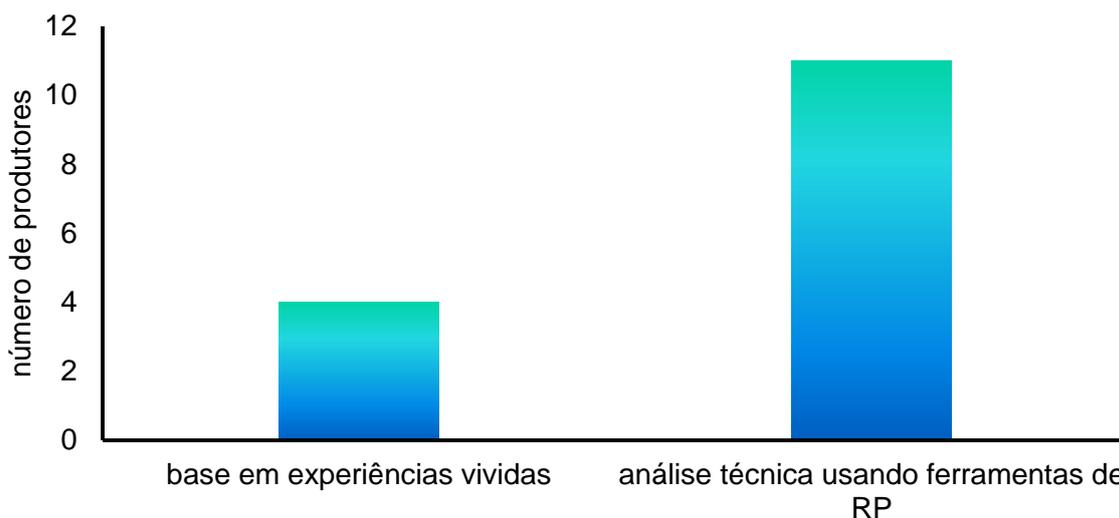


Figura 9. Percepção dos produtores em relação à necessidade do uso de ferramentas de análise de riscos em projetos para a implantação de um novo projeto de viticultura

Tomar decisões em experiências já vividas parece ser comum entre agricultores. A maioria de vitivinicultores da Croácia tomam decisões nos negócios com base em experiência já vividas e também com conselhos de membros de associações de produtores (Smrkulj e Njavro, 2016). O registro destas experiências é essencial para qualificar e quantificar fatores no uso de ferramentas de gestão de riscos.

Os resultados da análise bidimensional foram mais focados para as variáveis “tempo na atividade/escolaridade” e “fonte de renda principal”, visto que de acordo com estudos citados acima, estes são os fatores que mais influenciam nas tomadas de decisões relacionadas aos riscos em projeto de produção. Este fato pode indicar maior nível de conhecimento e capacidade de tomar decisões complexas relacionadas à gestão dos riscos na atividade (Borges, 2010).

O tempo de atuação na viticultura influencia a percepção do próprio produtor em saber quantificar e qualificar os riscos na atividade. Dos que responderam o questionário, 71,4% dos atuam há mais de 5 anos e não têm ensino superior disseram saber quantificar e qualificar os riscos de seus projetos de viticultura. Contudo este índice foi menor entre os produtores que atuam há mais de cinco anos e têm ensino superior, 28,6% (Tabela 2).

Tabela 1. Frequência (%) entre tempo de atuação na viticultura/nível de escolaridade x a percepção do produtor em realizar análises quantitativas e qualitativas de risco de um projeto de viticultura

Tempo na atividade	Percepção do produtor em realizar análises quanti/qualitativas		
	Não sabe	Sabe realizar	Tem noção de como fazer
< 5 anos, sem ensino superior	0	100	0
> 5 anos, sem ensino superior	0	71,4	28,6
< 5 anos, com ensino superior	0	50,0	50,0
> 5 anos, com ensino superior	28,6	28,6	42,9

De modo geral é observado que os produtores sabem qualificar os riscos das suas atividades (Borges, 2010; Lima, 2012, Pagliuca 2014, Ullah, 2017). No entanto não há trabalhos que citam especificamente resultados sobre a percepção do produtor rural em quantificar os riscos.

Do grupo de produtores que atuam há mais de 5 anos e não tem ensino superior, 42,90% não usam nenhuma ferramenta de gestão de risco em seus projetos e 42,90% usam o monitoramento. Do grupo de produtores que atuam há mais de 5 anos e tem ensino superior,

71,40% declararam não usar nenhuma ferramenta de gestão de risco em seus projetos (Tabela 3).

Não foi encontrado na literatura algum trabalho de pesquisa onde buscou identificar a percepção do produtor rural em relação ao conhecimento das ferramentas de gestão de risco na atividade. Entende-se, portanto, que não há alto nível de maturidade em projetos agropecuários de pequeno e médio porte.

O tempo de experiência como viticultor influencia na percepção do produtor sobre a importância do uso de ferramentas de gestão de risco para atingir os resultados desejados nos projetos. Dentre os produtores com mais de 5 anos na atividade e sem ensino superior, 85,7% declararam que o uso de ferramentas de gestão de riscos é essencial para atingir os resultados nos projetos. Dentre os produtores com mais de 5 anos na atividade e com ensino superior, 57,1% declararam da mesma forma (Tabela 4).

Tabela 4. Frequência (%) entre tempo de atuação na viticultura/nível de escolaridade x percepção da necessidade do uso de ferramentas para alcançar os objetivos desejados no projeto

Tempo na atividade	Percepção da necessidade do uso de ferramentas		
	Não é necessário	É necessário	Depende do mercado atual
< 5 anos, sem ensino superior	0	0	100
> 5 anos, sem ensino superior	0	85,7	14,3
< 5 anos, com ensino superior	50	0	50
> 5 anos, com ensino superior	14,3	57,1	28,6

A experiência relacionada ao tempo na atividade e o tempo de experiência na atividade, parece influenciar produtores agropecuários brasileiros de modo geral. Quando expostos a situações hipotéticas, com riscos já mapeados, produtores agropecuários do estado do Paraná, pertencentes a cooperativas sólidas, conseguiram facilmente responder a questionários relacionados a tomadas de decisão sobre investimentos futuros (Moreira, 2009).

A correlação entre tempo de atuação na viticultura e a percepção de experiência na qual a prática da gestão de risco em um projeto teve impacto sobre a produtividade foi maior entre o grupo com mais de 5 anos de atuação. Dos que não tem ensino superior, 57,1% afirmaram ter a experiência e 51,1% dos que têm ensino superior afirmaram não ter tido a experiência (Tabela 5).

Tabela 5. Frequência (%) entre tempo de atuação na viticultura/nível de escolaridade x experiência de impacto da gestão de riscos sobre a produtividade esperada

Tempo na atividade	Experiência da gestão de riscos sobre a produtividade	
	Não teve	Teve
< 5 anos, sem ensino superior	0	100
> 5 anos, sem ensino superior	42,9	57,1
< 5 anos, com ensino superior	100	0
> 5 anos, com ensino superior	57,1	42,9

Foi observado quando a questão foi relacionada a experiências com vendas, onde 71,4% dos que tem mais de 5 anos, mas não têm ensino superior manifestaram ter tido experiência e 57,1% dos que tem mais de 5 anos e ensino superior manifestaram não ter tido experiência (Tabela 6). Igualmente, produtores experientes de alho na região Sul do país vivenciaram experiências impactantes na atividade, decorrente da importação de alho da China (Kreuz e Souza, 2006). No trabalho citado não relata se os produtores praticam gestão de risco em seus empreendimentos. Nos dois grupos de produtores com mais de 5 anos na viticultura, 71,4% afirmaram que consideram introduzir práticas de processos de gerenciamento de riscos em seus projetos, com base nas experiências já vivenciadas (Tabela 7).

Tabela 7. Frequência (%) entre tempo de atuação na viticultura/nível de escolaridade x considera introduzir a gestão de risco com base nas experiências já vividas

Tempo na atividade	Introduzir a gestão de risco com base nas experiências já vividas	
	Sim	Não
< 5 anos, sem ensino superior	100	0
> 5 anos, sem ensino superior	71,4	28,6
< 5 anos, com ensino superior	100	0
> 5 anos, com ensino superior	71,4	28,6



O tempo de experiência em uma atividade faz com que o empreendedor entenda melhor a necessidade de uma gestão eficiente. O grupo de produtores que atua há menos de 5 anos na viticultura, pode ter vivenciado ao menos 10 ciclos de produção, o que garante alguma experiência. O comportamento observado na presente pesquisa é similar ao observado entre produtores de alho da região Sul (Kreuz e Souza, 2006).

A maioria do grupo de produtores cuja renda principal é a viticultura, afirmou utilizar alguma ferramenta de gestão de riscos em projetos. O monitoramento aos riscos é a ferramenta mais utilizada pelos grupos de produtores que não tem e que tem a viticultura como fonte de renda principal (Tabela 10).

Tabela 10. Frequência (%) entre fonte de renda principal x ferramentas utilizadas na gestão de riscos

Renda Principal	Ferramentas usadas		
	Não usa	Plano de respostas	Monitoramento de Riscos
Não é a viticultura	66,7	0	33,3
Viticultura	50	10	40
Trabalha para que seja a viticultura	75	25	0

Em nenhum dos trabalhos utilizados como referencial bibliográfico deste, foi observada pesquisa relacionada ao uso de ferramentas de gestão de risco em projetos agropecuários por parte dos produtores. Este fato torna o dado aqui levantado como inédito na literatura referente à gestão de projetos agrícolas. A maioria dos produtores, independentemente se a viticultura é ou não a principal fonte de renda, afirmam não usar ferramentas na gestão de riscos dos seus projetos. No entanto, quando colocada a situação hipotética relativa ao uso delas para a tomada de decisão sobre um investimento financeiro em um novo projeto, a maioria afirmou que tomaria a decisão com base em uma análise na qual há o uso das ferramentas (Tabela 11).

Tabela 11. Frequência (%) entre fonte de renda principal x base para tomada de decisão sobre realizar um novo investimento

Renda Principal	Base para tomada de decisão	
	Experiências vividas	Análise técnica de riscos
Não é a viticultura	33,3	66,7
Viticultura	20	80
Trabalha para que seja a viticultura	25	75

A importância do uso de ferramentas para uma análise técnica completa em relação a um novo investimento foi descrita para o agronegócio do alho na região Sul do país. No trabalho os autores afirmam que as informações sobre análise de rentabilidade e riscos associados à produção somados a orientações para a produtividade, ajudam o produtor na tomada de decisão sobre um novo investimento, podendo também aumentar a competitividade do negócio (Kreuz e Souza, 2006). Foi observado entre produtores do estado do Paraná que o que influencia a tomada de decisão sobre um novo investimento, inserção de inovação tecnológica ou predisposição em correr risco na atividade, é o porte das cooperativas às quais eles pertencem e não o tempo na atividade (Moreira, 2009).

Dentre os produtores que afirmaram usar ferramentas de gestão de riscos, 100% responderam ter tido experiências deste uso em relação à produtividade em suas áreas e na venda das uvas (Tabela 12 e 13).

Este perfil de produtor demonstra ter percepção da eficiência do uso das ferramentas de gestão de riscos nos impactos do seu empreendimento. Entendem que esta gestão pode gerar diminuição de possíveis prejuízos e aumento da sensação de controle do risco assumido (Kimura, 2002).

Mantendo a coerência nas afirmações feitas, 100% dos produtores que afirmaram usar ferramentas de gestão de riscos, também responderam usar as mesmas na situação hipotética de ter um recurso financeiro para iniciar um novo projeto de viticultura (Tabela 14).

Tabela 14. Frequência (%) entre ferramentas usadas ferramentas utilizadas na gestão de riscos x base para tomada de decisão sobre realizar um novo investimento

Ferramenta usada	Base para tomada de decisão	
	Experiências vividas	Análise técnica de riscos
Não usa	40	60
Plano de Resposta	0	100

Monitoramento de 0 100
Riscos

Rocha et al. (2004) realizaram uma pesquisa com produtores agrícolas de todas as regiões do Brasil, sobre fatores que os influenciam na tomada de decisão em relação à construção de armazéns agrícolas. Os agricultores foram capazes de apontar motivos para o não investimento, com base em experiências vividas e suas próprias percepções de risco.

Pode-se observar que, independentemente da correlação feitas, todos os produtores afirmaram que analisariam os riscos deste novo projeto de forma mais técnica, utilizando ferramentas que tragam maior segurança na tomada de decisão sobre o investimento em um novo projeto de viticultura.

Conclusão

Embora o questionário tenha sido respondido por um grupo pequeno de produtores, a amostra foi selecionada e considerada suficiente para alcançar os objetivos da pesquisa. Os resultados mostraram que o fator tempo de experiência na atividade tem mais influência sobre o gerenciamento de risco do que o fator nível de escolaridade. Alguns produtores afirmaram utilizar ferramentas de gestão de risco em projetos, em seus próprios projetos de viticultura. Os que declararam não usar são os que não têm a viticultura como principal fonte de renda e o que estão na atividade há menos de 5 anos e tem ensino superior. Os produtores que têm a viticultura como principal fonte de renda são mais propensos a utilizar ferramentas de gestão de risco para tomadas de decisão no empreendimento. Independente do perfil, os produtores sabem quantificar e qualificar os fatores de risco na viticultura, além de ter percepção da importância destas ferramentas.

A percepção de impacto do uso das ferramentas de gestão de risco foi maior em relação à produtividade do que em relação às vendas. Os produtores com mais tempo na atividade, tem uma percepção maior deste impacto. Todos os que afirmaram usar ferramentas de gestão de risco, afirmam ter tido percepção de impacto do uso das mesmas sobre a produtividade e as vendas.

A maioria dos produtores entende que é importante introduzir a prática do uso destas ferramentas para alcançar seus objetivos. Caso fossem dobrar a área de produção, a maioria utilizaria uma análise técnica sobre os riscos antes de tomar a decisão final sobre o investimento.



Referências

- Arias, D.; Mendes, P.; Abel, P. 2015. Revisão rápida e integrada da gestão de riscos agropecuários no Brasil-Caminhos para uma visão integrada. 1 ed, Banco Mundial, Brasília, DF, Brasil.
- Arêdes, A.F. Gerenciamento de risco na comercialização de arroz. 2017. Perspectivas on line: humanas e sociais aplicadas 6: 55-67.
- Borges, J.A.R. 2010. Riscos e mecanismos para gerencia-los: uma análise a partir das percepções dos produtores de commodities agrícolas. Dissertação de Mestrado em Agronegócios. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.
- Broll, U.; Welzel, P.; Wong, K.P. 2013. Price risk and risk management in agriculture. Contemporary Economics 7: 17-20.
- Carrer, M.J., Silveira, R.L.F. Da, Souza Filho, H.M. De, Vinholis, M.D.M.B., 2013. Fatores determinantes do uso de instrumentos de gestão de risco de preço por pecuaristas de corte do Estado de São Paulo. Ciência Rural 43: 370–376. <https://doi.org/10.1590/S0103-84782013000200030>.
- Gimenes, R.M.T.; Opazo, M.A.U.; Souza, C.J.; Gimenes, F.M.P. 2009. Gestão de risco: análise da utilização de derivativos financeiros pelas cooperativas agropecuárias do estado do Paraná. REDES 13: 185-203.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE- 2016. Produção Agrícola Municipal. Disponível em: https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/pam/2016/default_xls.shtm
- Kimura, H. 2002. Ferramentas de análise de riscos em estratégias empresariais. RAE-eletrônica 1: 1-14.
- Kreuz, C.L.; Souza, A. 2006. Custos de produção, expectativas de retorno e de risco do agronegócio do alho no sul do Brasil. ABCustos 1: 44-66.
- Lima, S.G.A. 2012. Gestão de risco nas empresas exportadoras do Vale do São Francisco. Dissertação de Mestrado em Administração. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.
- Lopes, I.V.; Rocha, D.P.; Lopes, M.R.; Bomfim, R.C. 2012. Perfis das classes de renda rural no Brasil. Revista da Política Agrícola 21: 21-27.
- Moreira, V.R. 2009. Gestão dos riscos do agronegócio no contexto cooperativista. Tese de Doutorado em Administração de Empresas. Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, SP, Brasil.



- Neto-Oliveira, O.J.; Machado, A.G.; Figueiredo, R.S. 2009. Comportamento da base e análise do risco de base na comercialização do boi gordo no estado de Goiás, Brasil. *Pesquisa Agropecuária Tropical* 39: 207-217.
- Pagliuca, L.G. 2014. Análise do risco financeiro da produção de tomate de mesa em Caçador (SC) e Mogi Guaçu (SP). Dissertação de Mestrado em Ciências. Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Piracicaba, SP, Brasil.
- PMI. Um guia do conhecimento em gerenciamento de projetos. 2013. Guia PMBOK® 5ª ed. – EUA: Project Management Institute.
- Rabechini R.J.; Carvalho, M.M. 2013. Relacionamento entre gerenciamento de risco e sucesso de projetos, *Revista Produção São Paulo*.
- Rocha, F.V.; Ortelan, C.B.; Bocchino-Neto, E.; Marinho, B.L. 2014. Fatores que afetam a decisão do produtor em investir em novos armazéns agrícolas. XVII Seminários em Administração.
- Silveira, R.L.F. da; Cruz Júnior, J.C.; Saes, M.S.M. 2012. Uma análise da gestão de risco de preço por parte dos produtores de café arábica no Brasil. *Revista Economia e Sociologia Rural* 50: 397–410. <https://doi.org/10.1590/S0103-20032012000300001>
- Smrkulj, H.; Njavro, M. 2016. Risk management on the winegrowing farms at northwest Croatia. *Journal of Central European Agriculture* 17: 221-235.
- Ullah, R.; Ganesh, S.; Farhad, Z.; Muhammad, I.; Ashfaq, S. 2017. Disaster risk management in agriculture: tragedies of the smallholders. *Natural Hazards* 87: 1361-1375.